

RELATO DE EXPERIÊNCIA PIBID: UMA VISÃO SOBRE ENSINO E CURRÍCULO

Amanda Alves Lima de Souza¹ (amanda.alves1@aluno.ifsp.edu.br)

José Lucas da Silva Lira¹

Miguel Augusto do Prado Flores¹

Tauá Torini Silva¹

¹Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus Sertãozinho.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo relatar as experiências vividas e busca apresentar reflexões feitas durante o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) dos estudantes do curso de Licenciatura em Letras - Português e Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – campus Sertãozinho. Tendo início em 06 de março de 2023, o *locus* de execução do projeto foi a Escola Estadual Nícia Fabíola Zanuto Giraldi da cidade de Sertãozinho (SP). O relato se dá a partir de uma abordagem metodológica de cunho qualitativo, permeada por pequenas intervenções programadas pelos pibidianos em conjunto com a professora receptora Vilma Aragão, sob supervisão da professora Rozangela Moraes. Como aportes teóricos utilizaremos: Gerhardt, Amorin (2019), Saviani (1984). O objetivo geral desse projeto foi estabelecer atividades com foco na produção textual em uma turma de 7º ano, deste modo os Pibidianos foram divididos em dois grupos de quatro discentes, onde elaboramos e produzimos ações colaborativas com a professora supervisora visando auxiliar o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem da sala escolhida. Como resultados, observamos a necessidade de olhar os alunos como sujeitos integrantes, entretanto, elencamos aqui os reflexos de uma precarização do ensino, causada principalmente, pelo controle educacional ocasionado pelo documento homogeneizante presente na educação brasileira, a Base Nacional Comum Curricular, e seu equivalente no estado de São Paulo: o Currículo Paulista.

Palavras-chave: PIBID; Licenciatura em Letras; Ensino-aprendizagem; Produção textual; Base Nacional Comum Curricular.

1. Introdução

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é uma política governamental que busca auxiliar no processo de inserção do licenciando na sala de aula das escolas públicas brasileiras antes da finalização de sua formação. O grupo de pibidianos desse trabalho é formado por Amanda, José Lucas, Miguel e Tauá. Tivemos como coordenadora de área do NID Sertãozinho, a professora Rozangela Nogueira de Moraes e, como supervisora na escola designada ao grupo, a professora Vilma Aragão. A instituição indicada para grupo de pibidianos em questão foi a escola E.E.” Nícia Fabíola Zanuto Giraldi”, localizada em Sertãozinho – SP. O projeto desenvolveu-se nas aulas de Língua Portuguesa, com foco na

leitura e produção textual dos alunos. É uma turma grande, composta por 33 estudantes, sendo 17 meninos e 16 meninas, há um aluno de inclusão com deficiência intelectual na sala. Durante todo o período do projeto, a sala mostrou-se muito participativa e comunicativa, sendo sempre muito proativos.

2. Abordagem metodológica da experiência

O trabalho foi realizado na sala do 7ºano B da professora Vilma, tendo início no dia 06 de março de 2023, onde os pibidianos se encontravam semanalmente para a execução do projeto. É importante salientar que não houve o desenvolvimento de um projeto único para a turma, uma vez que, com a necessidade de cumprir as atividades e conteúdo exigidos pelo Currículo Paulista (BNCC), nossas ações limitaram-se a pequenas intervenções junto a professora supervisora, como por exemplo: a) produção de vídeo poemas; b) roda de leitura sobre autores do Modernismo; c) recontagem dos contos folclóricos d) leitura e correção das produções textuais para o CP; entre outras. Neste momento, destacaremos a última atividade, na qual contou com a nossa maior intervenção, tanto como grupo, quanto individualmente.

Em um primeiro momento, a partir da proposta do Currículo Paulista, cada um dos estudantes escreveu um conto a partir do tema “Tempo nosso de cada dia”. Após, participamos dos primeiros processos de correção desses contos, levando em consideração a participação ativa dos estudantes juntos desse processo. Podemos destacar que esse desenvolvimento foi dividido em duas etapas principais. Inicialmente, cada pibidiano liderou um pequeno grupo de estudantes, assim, de forma geral, foram apontadas algumas colaborações, no formato de questionamentos norteadores, em relação aos elementos da narrativa, como por exemplo: quem é/são o(s)/os(as) protagonistas? Onde se passa a história? Em quanto tempo o enredo se desenvolve?

Levando em consideração que, em oportunidades anteriores, já havíamos trabalhados em grupos menores com os estudantes, a possibilidade de retomar este tipo de divisão com um pouco mais de tempo para as discussões foi de extrema importância. Apesar do tempo ainda não ter sido o suficiente, a correção dos contos seguiu para a segunda etapa: as correções individuais. Nesta circunstância, pudemos ficar um tempo de plantão na biblioteca recebendo os estudantes para uma correção específica. Cada um deles participou de forma ativa na correção e reescrita de seu respectivo conto, colaborando para novos apontamentos e possíveis substituições em contextos de escassez de coesão ou coerência. Foi um momento de grandes trocas, especialmente para nós.

A partir dessa atividade, pudemos refletir acerca de um paradigma sobre a utopia da educação brasileira. De um lado temos uma Base Nacional Comum Curricular, um documento constituído para cumprir a função de homogeneizar o conteúdo de um país gigante que não tem nada de uniformizado. Do outro, temos a realidade de uma sala de aula com quase 40 estudantes, sendo esta uma de um total de 3 ou 4 salas atribuídas a um único professor (Gerhardt, Amorin, 2019). Como poderia um professor cumprir com carga horária, conteúdos específicos estabelecidos nacionalmente e realizar a avaliação continuada em turmas enormes em escolas, muitas vezes, sem o mínimo de infraestrutura?

3. Análise dos dados e produção de resultados

Durante o período em que estivemos na sala de aula (e ocasionalmente fora dela), foi possível observar que a autonomia do professor dentro da sala tem sido extremamente limitada e, de certa forma, controlada, em função das exigências do Currículo Paulista (equivalente da Base Nacional Comum Curricular no estado de São Paulo). Como aponta Saviani (1984, p.1-6), há um conteúdo essencial/clássico que deve ser ensinado a todos os sujeitos, todavia, é preciso atentar-se as especificidades de cada escola e, principalmente, de cada sujeito-aluno. O monitoramento da sala de aula, conforme observado pelo grupo, impede que o professor tenha a oportunidade (e o tempo) de abordar de forma mais objetiva as dificuldades dos alunos, uma vez que precisa sempre seguir com o conteúdo.

Partindo do argumento sobre o paradigma que permeia a educação pública, não podemos afirmar que conseguimos nos livrar completamente dele, agindo em grupo pelo projeto. Em todos os momentos em que ocorreram as intervenções em sala de aula, tratava-se de participações quinzenais na turma, de forma que a continuidade das ações ficava comprometidas de certa forma. Contudo, foi de extrema importância, mesmo que escassas, as ações de todo o projeto.

4. Conclusões e/ou Considerações finais

Concluimos que olhar atentamente para o aluno como um sujeito (e não como uma máquina de aprender) é a maneira mais eficaz de se pensar uma educação de qualidade e significativa. O tempo que se dedica a cada aluno nunca é perdido, é sempre uma oportunidade de aprendizagem, tanto para aluno quanto para professor. É preciso buscar uma educação que vise a qualidade do ensino, e não a quantidade de atividades/conteúdos que foi exposto. É essencial que o tempo dedicado a cada aluno seja percebido como uma oportunidade valiosa de aprendizado tanto para ele quanto para o professor. É preciso ver e trabalhar pelas brechas. Reconhecemos a tentativa da professora de ir além, mas é preciso mudanças nas estruturas do ensino brasileiro.

No entanto, ao refletirmos sobre o atual cenário educacional, é inevitável não destacar as deficiências nos métodos de ensino predominantes. Muitas vezes, o foco excessivo na quantidade de conteúdo e atividades em detrimento da compreensão profunda e significativa é uma falha grave. Os alunos são frequentemente sobrecarregados com uma carga excessiva de informações, resultando em superficialidade no aprendizado e até mesmo desinteresse pelo conhecimento, fato este que se efetiva pelos mecanismos utilizados nas escolas públicas do estado de São Paulo.

Deste modo, concluimos que é fundamental repensar o papel do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no processo de formação de professores, pois, embora ele desempenhe um papel importante ao proporcionar experiência prática aos futuros educadores, é necessário ir além. O programa deve ser mais do que uma simples atividade complementar na formação acadêmica dos estudantes de licenciatura. Deve ser integrado de forma mais profunda e estruturada nos currículos das instituições de ensino superior, com ênfase na prática reflexiva, na interdisciplinaridade e no desenvolvimento de habilidades pedagógicas.

Em suma, para alcançarmos uma educação verdadeiramente significativa e de qualidade, é imprescindível adotar uma abordagem centrada no aluno, repensar os métodos de ensino vigentes e fortalecer o papel do PIBID como um programa de governo comprometido com a formação de professores capacitados e engajados. Somente assim poderemos aproveitar ao máximo o potencial de aprendizagem de cada aluno e promover uma transformação efetiva no sistema educacional.

5. Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

Currículo Paulista, SEDUC/Undime SP. São Paulo: SEDUC/SP, 2019.

GERHARDT, Ana Flávia; AMORIN, Marcel. A BNCC e o ensino de línguas e literaturas. Ed. 1

SAVIANI, Dermeval. Sobre a natureza e especificidade da educação. **Enfoque**: Qual é a questão?. 1984, v. 3 n. 22, p.1-6. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/1886>. Acesso em: 18 abr. 2023.